

# Jovens refugiados se preparam para receber o batismo em Salzburgo

Em 2017, na Áustria, mais de 860 adultos receberam o batismo, muitos deles refugiados. Esta é a história de Dieter e seus amigos estrangeiros de Salzburgo.

02/04/2018

Meu nome é Dieter e vivo em Salzburgo (Áustria). Colaboro com o Centro de formação Juvavum

(Bildungszentrum Juvavum) de Salzburgo, onde atualmente 15 refugiados estão se preparando para receber o batismo. Procedem do Iraque, Irã e Afeganistão. Contarei para vocês algumas de suas histórias.

Por exemplo, recentemente participei com alguns – que, no momento de empreender a fuga para a Áustria, eram de religião muçulmana – na “Longa Noite das Igrejas”, uma iniciativa da Igreja austríaca em que muitos templos católicos abrem suas portas de noite (*“Lange Nacht der Kirchen”*).

Em um dos lugares, ofereciam a possibilidade de escrever numa lousa os próprios pensamentos e desejos. Um jovem afegão escreveu algo em persa: “Desejo que Jesus permaneça sempre comigo”, traduziu-me. E não era o único.

Como tudo começou? Por ocasião do Ano da Misericórdia, em *Juvanvum*,

um centro de formação atendido espiritualmente pelo Opus Dei, pensamos como poderíamos ajudar aos refugiados. Organizamos partidas de futebol, aulas de alemão e algumas excursões com jovens refugiados que já viviam em nossa cidade.

Alguns dos participantes se interessam pela fé católica. Um me contou o seguinte: “no Afeganistão só ouvia que os cristãos eram maus. Agora tenho vinte anos e posso formar minha própria opinião. Cheguei à Áustria e comprovo que os cristãos me oferecem alojamento, alimentos, dinheiro para viver... e, além disso, são muito amáveis. Por que fazem isso? Desejo saber mais sobre o cristianismo”.

Outro me disse que quando entrou em *Traiskirchen* – um acampamento que acolhe os refugiados recém-chegados ao nosso país – viu uma

árvore de Natal enfeitada e ouviu falar de Jesus. Nesse momento, estalou a primeira “faísca”.

A quem se interessa pela fé, oferecemos que participem de um curso que tem como guia o *Catecismo da Igreja Católica*. Cada um dos participantes tem um acompanhante que explica as dúvidas particulares, participa com ele das missas aos domingos, ajuda a fazer um momento de oração, etc.

Quando começamos, eu tinha dúvidas sobre os desejos de alguns, pois poderiam manifestar interesse na fé pensando que conseguiriam mais facilmente a permissão para residência. Mas procuramos que entendessem que são coisas diferentes. Recentemente, quando lembrei a um deles que a preparação para o batismo dura um ano, disse-me: “Mesmo que tivesse de esperar cinco anos, aceito. Minha conversão

não tem nada a ver com os motivos de minha fuga”.

A outro, nervoso pelo resultado de seus trâmites de acolhida, enviei um *Whatsapp* para animá-lo, convidando-o a pôr-se nas mãos do Senhor. Respondeu-me: “Dá no mesmo se receber uma resposta administrativa positiva ou negativa: encontrei Jesus!”

Um afegão, que vinha com gosto às aulas de catecismo, faltou a duas seguidas, pelo que o convidei, com uma mensagem, a conversar. Contou-me que um iraniano falara que ele só ia à catequese porque acreditava que facilitaria conseguir asilo. Quando eu lhe disse que estava convencido da sua boa intenção, reiniciou com muita alegria a assistência à catequese.

Às vezes são eles que “dão a catequese para mim”. Uma vez sugeri a um que dedicasse

diariamente alguns minutos à oração e me respondeu: “Isto você já me sugeriu há três meses e desde então rezo sempre pela manhã e à tarde”.

Percebi que não basta instruí-los na fé católica. Têm de aprender também a estudar muito e com intensidade – apesar da sua situação complexa – para estarem em condições de encontrar trabalho.

Também comprovei que quem encontra Jesus, também encontra a cruz e isto vale igualmente para os refugiados. Darei como exemplo a história de dois jovens.

Um iraquiano, que tinha recebido graves feridas na cabeça quando as milícias tentaram sequestrá-lo e que por esse motivo fugira para a Áustria, falou com entusiasmo da nova fé que descobrira e, como consequência, foi vítima de graves perseguições na residência para refugiados em que vivia. Disseram-

lhe que não era uma pessoa grata e destruíram as suas roupas. Isto me obrigou a procurar para ele – e para outro catecúmeno – um alojamento particular.

Pouco depois recebeu a notícia de que sua irmã tinha sido sequestrada e de que a mataram. Quando a sua própria família recebeu a notícia da sua conversão, suspendeu toda comunicação com ele. No dia que completava 27 anos, veio para a catequese, mostrou-me o seu celular e disse: “Ninguém da minha família me ligou. Jesus e Maria agora são a minha família”.

Também foi difícil a história de um amigo meu iraniano, que teve de abandonar seu país porque se aproximara da fé. Pouco tempo depois de sua chegada a Salzburgo recebeu o batismo. Ao preencher o formulário para formalizar seu ingresso na Igreja Católica, soube

que havia se casado no Irã, mas sua mulher, devido à sua conversão, o tinha abandonado e se casara com outro homem. Quando perguntei se amava a sua esposa ou tinha se casado por causa dos seus pais, começou a chorar. Não só havia perdido a sua família, como as gestões para estabelecer-se na Europa travavam continuamente. Embora não entendesse porque Deus permitia aquilo, me disse que estava disposto a carregar a sua cruz.

Para mim, o encontro com esses refugiados famintos de fé foi um grande presente. Jamais havia imaginado tal desenvolvimento de fatos. Embora trabalhe 40 horas na semana em outras tarefas, dou graças a Deus porque, para minha surpresa, encontro tempo para atender a todos estes amigos e ajudá-los com a catequese. Para mim, são um exemplo: vi que sofrem e choram, lutam e vencem. Vejo como,



apesar de suas muitas dificuldades pessoais e experiências traumáticas, progridem continuamente em sua vida cristã.

A única tristeza é que nenhum deles conseguiu ainda uma resposta administrativa positiva para obter o asilo (por isso, não mencionei seus nomes). Custa-me imaginar o que poderia acontecer se algum deles recebesse uma resposta negativa definitiva e tivesse que regressar a sua terra natal... Por isso, rezo diariamente por esses jovens refugiados e seu caminho na fé.